

IMPACTOS DO PETRÓLEO NAS IGREJAS PROTESTANTES TRADICIONAIS EM MACAÉ

Leonardo Gonçalves de Alvarenga[□]

RESUMO: O crescimento durante os anos 1980 e 1991 (de 8% para 12% de um total de 11% de evangélicos) e estagnação no crescimento entre os anos 1991 e 2001 (de 12% a 12% de um total de 19% de evangélicos em 1991 e que passou para 22% em 2001) das igrejas protestantes históricas em Macaé é um forte indicativo dos impactos que esse grupo teve em decorrência das mudanças sócio-econômicas e culturais após a instalação da Petrobrás, na década de 70. O grupo religioso que mais cresceu foram os pentecostais, que, considerando os percentuais anteriores de evangélicos de 1980 a 1991 os pentecostais passaram de 3% para 7% e entre 1991 e 2001 o salto foi de 7% para 11%. Com um baixo crescimento e estagnação entre as igrejas históricas, o movimento é outro, um rodízio de pessoas que saem e novas pessoas que entram, por virem de outra cidade ou igreja da mesma ordem, sem ser por conversão ou adesão religiosa. Se antes da Petrobrás as identidades religiosas eram mais facilmente definidas, porque herdadas das famílias, hoje, o poder de decisão (racionalidade) dos fiéis é outro e com isso a religião regula menos os padrões de vida e as crenças que o êxito profissional recompensado com altos salários fornecidos pelas indústrias petrolíferas, além de outros fatores decorrentes dos impactos trazidos a população. Uma explicação para essa estagnação comparada ao crescimento dos pentecostais se deve ao discurso menos pontual das igrejas históricas, que por sua vez aponta para um futuro distante da nova realidade da cidade de Macaé.

267

Palavras-chave: Impactos. Petróleo. Religião. Modernidade. Protestantismo

INTRODUÇÃO

Que impactos a indústria do petróleo trouxe para cidade de Macaé? Que relação esses impactos pode ter com a religião? Neste texto apresentarei uma abordagem, ainda panorâmica, sobre os impactos dos meios de produção decorrentes do petróleo sobre uma cidade da região norte fluminense e como isso afetou direta e indiretamente a identidade religiosa¹ dos batistas na cidade de Macaé. Em linhas gerais, essa é uma abordagem sobre religião, meios de produção e modernidade.

A cidade de Macaé apresenta reflexos das mudanças ocorridas na região sudeste, região esta que se modernizou em primeiro lugar no país. Esta sofreu grandes impactos, em especial, com a instalação de um pólo petrolífero que ostentava 80% da produção do petróleo no país. Esse novo ator social trouxe, com efeito, a modernização para antiga vila de pescadores. A vila

¹ □ Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: alvarengalg2@gmail.com

ganhou novos contornos e com o tempo deixou de ser a “Princesinha do Atlântico” para tornar-se a “Capital Nacional do Petróleo”. Os impactos foram perturbadores e causaram um desequilíbrio enorme. A religião, como parte da sociedade, em especial os batistas, que se destacam entre os protestantes com maior representatividade numérica na região, não ficou imune e sofreu um baque ou declínio em seu crescimento. As razões para isso variam entre falta de flexibilidade e o forte exclusivismo batista que não resistiu ao forte crescimento do pluralismo religioso, que por sua vez aumentou a concorrência entre as diferentes religiões. Além do impacto sobre o crescimento numérico, uma análise qualitativa permite enxergar outros fenômenos, como as transformações na identidade interna do grupo e a retomada da discussão sobre algumas incoerências do protestantismo e sua senilidade.

1) PETROBRÁS: O FIM DE UMA MALDIÇÃO E INÍCIO DE UMA NOVA ERA

A história de Macaé comporta um número considerável de contos e lendas, sobretudo os que foram registrados pelo famoso escritor Antônio Álvares Parada (1995). Nos dois volumes que deixou escrito, foram registrados mais de 500 contos e crônicas curtas sobre a história da cidade. Uma lenda famosa conta a história de Motta Coqueiro. Para muitos cidadãos a vinda da Petrobrás para cidade é vista como o fim de uma praga rogada por Mota Coqueiro. Segundo registros históricos, ele foi o último escravo enforcado no Brasil. Condenado por um crime que não cometeu, disse, que se fosse inocente a cidade de Macaé não prosperaria durante cem anos. Depois de 100 anos de marasmo, em 1977, a instalação da estatal e todas as mudanças que trouxe consigo é, para muitos nativos, a confirmação da inocência do escravo e de que sua praga se cumpriu. Lendas e contos à parte, uma nova era teve início com a descoberta do potencial que a cidade tinha para exploração do petróleo.

No final dos anos 60 e início dos anos 70 Macaé vivia um período de decadência no aspecto econômico, uma vez que a pesca, a indústria têxtil e o setor agropecuário já não traziam os resultados esperados. Nesse período, a cidade passou a investir no turismo, como saída para crise econômica. O investimento publicitário nessa época procurava atrair turistas e veranistas para usufruir das belezas naturais que a cidade oferecia. Não durou muito tempo essa estratégia, pois já no final dos anos 70, a obra de construção do terminal de Macaé foi iniciada, em uma área de 197 mil metros quadrados e constitui-se de três *piers* com calados de sete metros, destinados à atracação de embarcações que prestavam apoio às plataformas de exploração e produção de petróleo (Lôbo Júnior, 1990, p.43). Dessa produção, o município se beneficiou mais adiante com

os royalties pagos pelas empresas conforme legislação aprovada em 1986 (lei n. 7.525 de 26/07/1986). Macaé tornou-se em pouco tempo uma cidade rica e próspera.

Todavia, como levanta Piquet (2010), a ambigüidade dessa atividade apresentava-se como perturbadora. Se de um lado ocorreu o desenvolvimento quase que de forma isolada, de outro funcionou como motor gerador de riqueza, não só por geração de empresas e empregos diretamente vinculados ao setor, mas também pelas vias de compensação financeira distribuída as cidades por elas afetadas. “Trata-se de um setor industrial intensivo em capital, causador de pesados danos sobre o meio ambiente e que organiza o espaço de modo extremamente seletivo e globalizado” (p.11).

1.1. OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO

O Aurélio traz como definição de impacto um choque ou colisão de 2 ou mais corpos. Sendo que um desses corpos pode estar em repouso enquanto o outro pode estar em movimento. Considerado como marco histórico na cidade de Macaé, a escolha desta para estar no topo da extração de petróleo da Bacia de Campos, trouxe impactos indelévels não só sobre a economia como também para toda a sociedade. A cidade, considerada uma vila de pescadores passou a inserir-se no contexto estadual e nacional como “Capital Nacional do Petróleo”. A prefeitura da cidade, aproveitando-se da situação, elaborou o seguinte slogan: “a gente move esse país”.

Segundo Piquet (2010, p.12), dois tipos de impactos podem ser vistos em territórios que sediam tal investimento: os diretamente ligados a atividade industrial e os que decorrem das compensações financeiras. Sem preocupação alguma em administrar os impactos que poderiam ser causados na localidade por parte da estatal, logo no início da sua atividade extrativista, a mesma seguiu um padrão das demais empresas de grande porte da década de 70. Considerada o único município produtor de petróleo da região, em Macaé:

...se darão as resultantes de uma atividade que se enquadra no que se convencionou chamar de Grande Projeto de Investimento (GPI). A chegada de trabalhadores e suas famílias, assim como daqueles que se deslocam em busca de alguma oportunidade de serviço, acarretou uma ocupação urbana desordenada e uma sobrecarga nos parques equipamentos de consumo coletivo existentes. Deu-se uma ocupação predatória no litoral não só pelas empresas ligadas ao petróleo como também por novos loteamentos para moradias (Piquet, 2010, p.12).

Essas e muitas outras pesquisas demonstram que a cidade não estava preparada para administrar sua principal fonte de riqueza. A quantidade de dinheiro e o potencial para o desenvolvimento eram tão gigantescos que a população e os governantes fizeram pouco caso dos impactos que podiam ser gerados nos mais variados aspectos.

(...) embora Macaé ostente um vigor econômico diretamente relacionado às atividades de extração, produção e logística do petróleo que a situa entre as cidades de melhor relação entre postos de trabalho e população do Estado do Rio de Janeiro, apresenta também sobrecarga nos serviços de utilidade pública, escassez de moradias e outras mazelas que uma ocupação industrial sem planejamento acarreta nos locais em que se fixa (Piquet, 2010, p.12).

A sociedade é um todo complexo e as mudanças que acontecem em seus respectivos setores trazem também implicações profundas em outras esferas. Como veremos adiante, a religião também foi alvo desses impactos.

2) TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO MACAENSE

Segundo Maduro: “a forma como um povo se organiza em torno dos recursos materiais acessíveis a ele para produzir bens destinados à manutenção e reprodução de sua vida, essa forma de organização social da produção (...) condiciona a ação de quaisquer religiões que nasçam em seu seio” (1983, p. 76). Isto quer dizer que as ações religiosas são condicionadas pela forma de organização social vigente. Podemos dizer que toda religião existe e opera numa sociedade concreta e determinada, localizada no tempo e no espaço. Pode-se afirmar que toda sociedade possui como estrutura central ou infra-estrutura o seu modo de produção. Esta é a atividade básica e fundamental de toda sociedade, por pelo menos três motivos: primeiro porque é uma atividade constante, pois cessando a mesma os seres humanos dificilmente sobreviveriam; segundo porque é indispensável a toda sociedade e ligam todos e cada membro da sociedade em torno não só da comida como também dos meios de comunicação; em terceiro porque esta atividade é imprescindível para o funcionamento de qualquer outra atividade, seja individual ou coletiva. Além disso, essa atividade sustém e possibilita todas as demais atividades humanas, inclusive as crenças e práticas religiosas. Esses modos de produção fixam os limites em que a religião pode atuar e traça igualmente as tendências dentro das quais tal religião pode agir.

O que vai condicionar as possibilidades e impossibilidades, a importância, o significado, as funções, as formas de organização, os discursos, as práticas, o desenvolvimento, as transformações e a difusão mais prováveis em que cada religião poderia esperar (e conseguir) no seio da sociedade concreta em que atua (Maduro, 1986, p.77).

As transformações locais que dizem respeito ao campo religioso em Macaé tanto se devem as mudanças que ocorreram no contexto local, quanto ao contexto nacional de *reordenamento* das religiões na contemporaneidade. Entretanto, o objetivo dessa pesquisa foi estudar o fenômeno em Macaé, sem qualquer pretensão de um estudo comparativo. Nesse período, uma pluralização e diversificação religiosa trouxeram novos ares para cidade, que não pode ser vista separada da heterogeneização da população local e a diversificação cultural, decorrente principalmente da intensa migração (Swatowski, 2009, p.58). Se antes prevalecia um número significativo de igrejas tradicionais, católicas e protestantes, nas duas primeiras décadas que sucedem a instalação da Petrobrás em Macaé esses números sofrem os primeiros impactos como aponta dados do IBGE, citados por Swatowski:

Segundo o Censo de 1980, 75% da população de Macaé era católica, enquanto 11% se declaravam evangélicos (8% de missão e 3% pentecostais) e 0,9 se dizia sem religião. Em 1991, eram 63% católicos, 19% evangélicos (12% de missão e 7% pentecostais) e 16% sem religião. Em 2000, esses números chegam a 51% de católicos, 22% de evangélicos (12% de missão e 11% pentecostais) e 17% sem religião (2009, p.37).

271

O número de protestantes tradicionais, 12% da população evangélica, tinha entre os batistas a maior representação na cidade, 70%. Todavia, o Censo mostra que esse número sofreu uma estagnação de 1991 a 2000, enquanto os sem religião cresceram significativamente no período que sucede a Petrobrás – entre 1980 e 1991, tendo um salto de 0,9% para 16% da população, além dos pentecostais que cresceram de 3% para 11%. (Swatowski, 2009, p.37)

A migração, em decorrência dos meios de produção, é um fator importante para entender as mudanças que ocorreram no cenário religioso em Macaé por causa da instalação das indústrias petrolíferas. O crescimento populacional em Macaé foi significativo entre as décadas de 80 a 90, pois passa de 59 mil habitantes para 83 mil de 1980 a 1991 e para mais de 120 mil em 2001. Atualmente a cidade possui mais de 200 mil habitantes. A cidade não estava preparada para um aumento tão exorbitante na sua população, pois não havia infra-estrutura capaz de atender os novos residentes e também não dispunha de mão de obra suficiente e nem qualidade para responder as demandas da Petrobrás e indústrias do ramo. Pessoas de diferentes estados do país, principalmente dos grandes centros, além dos estrangeiros do ramo *off-shore* e famílias inteiras mudaram para cidade em busca de estabilidade e dinheiro.

Juntos, formam um razoável grupo de profissionais qualificados e bem-remunerados, que, ao se estabelecer na cidade, assumem a posição de nova elite econômica local, alterando a estrutura social vigente. Com a chegada destes novos moradores, considerado pelos locais “os autênticos” representantes da modernidade, as elites tradicionais (...) gradualmente vão perdendo seu status, embora ainda gozem de certo prestígio entre os moradores mais antigos da cidade (Swatowski, 2010, p.24).

As novas formas de religiosidade que foram chegando à cidade atraíram muitos migrantes desiludidos frente à concorrência e a qualificação exigida pelas empresas, pois até então a cidade não dispunha de escolas e cursos técnicos voltados ao ramo. Os poucos que tinham eram muito caros. Os que tinham menos qualificação faziam “bicos” para se manter e ocupavam as periferias que com o tempo foram ganhando espaço na cidade. Além disso, cabe dizer que as novas demandas sociais introduziram um modo de pensar e agir diferente, suscitando novos conflitos, que vão despertar nos antigos moradores e religiosos o interesse por novas experiências e respostas no âmbito religioso.

2.1 POR TRÁS DOS NÚMEROS DO IBGE

O que os dados do IBGE (mostrados anteriormente) revelam? Só uma estagnação numérica? Pierre Sanchis provoca, no sentido de augurar uma pesquisa analítica capaz de ultrapassar uma leitura superficial dos dados apresentados e avançar na espessura desse campo religioso tão complexo e desafiador que acontece no Brasil (Teixeira, 2013, p.17). O crescimento e estagnação dos batistas em Macaé nas duas primeiras décadas que sucedem a instalação do pólo petrolífero é um forte indicativo dos impactos que esse grupo teve². Hoje, são aproximadamente 10 mil batistas em Macaé e 48 igrejas somando o município e os distritos³. O que não é muito animador, pois estes dados refletem mais a migração, ou seja, pessoas que já pertenciam a uma igreja batista e pediu transferência⁴ e também a criação de novas congregações⁵ devido o aparecimento de novos bairros. Que possíveis causas podem estar por trás dessa recessão?

Como parte integrante do que chamamos de protestantismo histórico, os batistas trazem algumas peculiaridades que apontam algumas possíveis causas para o que se resolveu chamar aqui de estagnação numérica. Em se tratando de igrejas protestantes históricas, a afirmação de uma identidade doutrinária (“protestantismo da reta doutrina”) é crucial. “O protestantismo produz cismas por ser ele uma instituição totalmente destituída de elasticidade. Ele não faz lugar, no seu interior, para interpretações divergentes da fé. É absolutista” (Alves, 2004, p.60). Por incrível que pareça, os batistas se encaixam muito bem nessa análise feita por Rubem Alves. Incrível porque

esse mesmo grupo defende com unhas e dentes a liberdade de expressão e o livre exame das Escrituras como princípio norteador de suas crenças e práticas. “Desde Weber, é possível perceber que o modo batista de ser e pensar parece um tanto impermeável às influências da cultura, talvez por efeito da radicalização do seu princípio de separação-diferenciação do mundo” (Esperandio, 2005, p.24). Incoerências e caricaturas à parte, sua postura exclusivista e inflexível pode ser apontada como uma das razões que trouxe aos batistas um freio no crescimento que experimentava até os primeiros anos que se seguiram a instalação da Petrobrás em Macaé.

Estacionados numericamente, os batistas, como outros grupos protestantes históricos, foram perdendo espaço para os grupos pentecostais e neopentecostais que emergiram nesse cenário com um discurso mais pontual e voltado as necessidades e interesses da nova população macaense. Preocupados em se manter fiel as doutrinas ou à doutrina e defender uma identidade histórica estática, os batistas ficaram *subcontabilizados*, até mesmo devido o crescimento dos “sem religião” (Teixeira, 2013, p. 26).

2.1.1. IDENTIDADES FIXAS OU FLUTUANTES?⁶

273

Segundo Campos, à medida que novas sociedades religiosas foram surgindo geraram “novas possibilidades de identidades alternativas que foram se remodelando, dando origem a novas configurações no decorrer do século XX” (Campos, 2013, p.216).

Hoje em dia o pentecostalismo, o neopentecostalismo, o pluralismo religioso são as novas ameaças às formas de cristalização de universos simbólicos dos batistas. Muitos teóricos se perguntavam sobre o futuro do protestantismo nesse novo cenário de efervescência religiosa e como sobreviveria a partir de então (Hervieu-Léger; Gaucher; Tillich; Willaime; Alves).

No campo religioso norte-fluminense, com um pouco de atraso em relação ao contexto nacional, iniciou-se um processo de pluralização, concorrência e diversidade religiosa muito grande se comparada às décadas anteriores, o que tornou a disputa ou luta por capital simbólico ainda mais forte. Diante disso suscita a pergunta se as identidades individuais e coletivas seriam fortemente afetadas ou não, uma vez que as mudanças sócio-econômicas trazem, em especial no capitalismo, na maioria das vezes, uma nova forma de enxergar a realidade, não mais a partir de uma tradição fixa e irreduzível, mas de acordo com o poder aquisitivo de cada indivíduo.

As identidades que antes eram herdadas (Hervieu-Léger) ganham fluidez e se liquidificam (Bauman) com a modernidade. Como já foi dito, a vinda da Petrobrás para cidade de Macaé representa o deslocamento de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. Com a modernização da cidade de Macaé a identidade institucional e histórica, defendida pelos batistas, se tornou menos determinante na vida dos fiéis. Com uma autonomia na esfera simbólica, os indivíduos passaram a buscar algo que correspondesse as suas necessidades e não uma religião histórica, ocorrendo assim um “desencaixe” entre o preestabelecido, as identidades e as novas religiões que foram surgindo. Se antes da Petrobrás a identidade religiosa batista era mais facilmente definida, porque herdada das famílias, hoje, o poder de decisão (racionalidade) dos fiéis é outro e com isso as igrejas passaram a regular menos e com pouca influência quanto às escolhas de seus fiéis. O êxito profissional recompensado com altos salários fornecidos pelas indústrias petrolíferas e a inserção em uma nova classe social fez com que prevalecesse como numa sociedade de mercado o gosto pessoal do “cliente” e as exigências da vida cotidiana em detrimento de um apego a antigas tradições. Neste caso, a igreja batista, como uma das representantes das igrejas consideradas históricas, foi destituída de uma posição central que ocupava antes da década de 80, em Macaé. A religião se tornou uma questão de fórum íntimo, da vida privada para os fiéis, como sugerem os dados do IBGE nesse período. O pluralismo religioso, constatado a partir do surgimento de novos movimentos religiosos em Macaé, atraiu os membros das igrejas tradicionais, ocorrendo então um trânsito religioso que não é de somenos importância nesse cenário. Nessa época poucas igrejas batistas experimentaram um crescimento como ocorreu com a Segunda Igreja Batista, por sua capacidade de se recompor e se reconfigurar diante de um cenário de enfraquecimento e declínio das igrejas tradicionais, da qual ela fazia parte. Isso ocorreu na década de 90 e início do século XXI.

As sociedades modernas também trazem consigo o que Pierre Sanchis chama de “*reemergência* do sagrado” na vida social e na experiência pessoal, que se dá “ao lado e articuladamente com a secularização” (Teixeira, 2013, p.21). A secularização não se caracteriza como acusavam muitos teóricos, por uma indiferença em relação à crença, mas pelo fato de as crenças escaparem totalmente ao controle das grandes igrejas e instituições religiosas (Hervieu-Léger, 2008). Mesmo filiados a denominações históricas, cresce cada vez mais o número de “cristãos à sua maneira” também no interior das igrejas históricas. A tendência à individualização e à subjetividade das crenças religiosas é uma realidade que paradoxalmente tem se encaixado no seio das igrejas protestantes de versão histórica, incluindo os batistas. Do ponto de vista psicossocial, mantém-se a subjetividade a despeito da forte política identitária denominacional.

Uma tensão que os batistas fazem questão de administrar para não sofrer com uma maior evasão.

De acordo com Ciampa:

Grupos sociais lutam pela afirmação e pelo desenvolvimento de suas identidades coletivas, no esforço de controlar as condições de vida de seus membros; indivíduos buscam a transformação e o reconhecimento de suas identidades pessoais na tentativa de resolver conflitos em face de expectativas sociais conflitantes (2002, p.133).

Uma coisa é a identidade do grupo, outra é a identidade individual. Porque alguém diz que é batista nesse período de mudanças? Não porque os princípios batistas e a “Declaração Doutrinária da CBB” seja um elemento constituinte de sua identidade religiosa. A resposta mais provável de um fiel é que está na igreja porque se adaptou melhor naquele local do que em outro. Esse é o poder de escolha, que antes ele poderia atribuir a uma herança familiar, mas agora ele decide por si só. São indivíduos que fazem valer sua liberdade de escolha, “cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convém. O significado atribuído a essas crenças e a essas práticas pelos interessados se afasta, geralmente, de sua definição doutrinal” (Hervieu-Léger, 2008, p.43). Neste sentido, temos identidades flutuantes cuja característica principal é a complacência e “*submersibilidade*” e pouca profundidade. São identidades individuais e que algumas vezes se aplica também a coletividade, mas com menos frequência. As identidades fixas são aquelas apoiadas na tradição e são geralmente aplicadas e defendidas pelas instituições. A nova realidade macaense apresenta essa ambivalência que até a década de 70 não havia. A Petrobrás é esse ator social que aproxima a cidade do interior da modernidade, fazendo com que neste local a religião passe a lidar com problemas que antes ela não tinha.

Nesse ambiente sócio-cultural de grandes mudanças, o processo de individualização da crença não faz desaparecer pura e simplesmente a realidade das identificações confessionais. As igrejas batistas continuam existindo, também as metodistas, as presbiterianas etc. Os fiéis também continuam se identificando como batistas; metodistas e presbiterianos. Pode-se dizer que a expansão do pluralismo e do relativismo produz, em sentido inverso, o reforço das aspirações comunitárias, ao mesmo tempo em que uma certa reativação das identidades confessionais. Todavia, como alerta Hervieu-Léger, estas não “coincidem mais necessariamente com identificações religiosas claramente assumidas pelos indivíduos” (2008, p.52). Cabe aqui dizer que além de um tipo de sincretismo religioso presente nas igrejas protestantes históricas e tradicionais, em decorrência das tensões sociais existentes criadas

pelas transformações sociais, ocorre uma “bricolagem”⁷ de crenças ou uma identidade híbrida no seio desses grupos religiosos, mas que ainda não é suficiente para atrair novos adeptos.

3. O ENVELHECIMENTO PRECOCE DO PROTESTANTISMO E AS (VELHAS / NOVAS) FORMAS DE RACIONALIDADE

Rubem Alves ao analisar o protestantismo na América Latina disse: “o protestantismo envelheceu muito antes de fecundá-lo com aquilo que de mais criador ele possuía” (Apud Campos, 2013, p.219). Esse elemento seria o espírito de dúvida, de inquietação e contestação. “O protestantismo envelheceu prematuramente. Ainda menino ficou senil” (2013, p.219). Além disso, Alves diz que a maior prova dessa senilidade seria a capacidade protestante de reproduzir mais estruturas tradicionais, mortas, do que vida e criatividade.

Como já referido antes, com as mudanças que a cidade de Macaé passou com a chegada da Petrobrás, os novos moradores, considerado pelos locais “os autênticos” representantes da modernidade, ocuparam o status que as elites tradicionais detinham até então (Swatowski, 2010, p.24). Neste caso, estariam às igrejas que representam a tradição entre os atrasados, que perderam seu status à medida que as igrejas (neo) pentecostais, com ênfase na teologia da prosperidade, tinham um discurso mais pontual e compatível com o momento que a cidade do norte fluminense vinha atravessando? À lá Weber, teria a racionalidade batista se enrijecido, enquanto a racionalidade dos pentecostais se atualizou e elaborou estratégias contemporâneas para atrair um novo público. Uma ação racional com relação a fins, para atingir um objetivo previamente definido, como por exemplo, uma ação econômica, faz conectar fins e meios sem a interferência perturbadora de tradições e afetos que desviam o percurso. Desta maneira, para as novas igrejas, provavelmente é mais racional o investimento em uma ação mais pragmática do que o apego irreduzível a uma tradição que não dá conta de forma imediata de todas as demandas vigentes. Será que a ação racional com relação a tradição foi substituída por uma ação racional com relação a fins? Esperandio diz que a racionalidade batista seria:

...um modo único e homogêneo, sistematizado, de compreender a fé vivida na experiência religiosa. Grosso modo seria, em essência, um modo de pensar “filtrado” pelos princípios doutrinários uma vez erigidos. Uma das consequências lógicas dessa racionalidade está na construção de uma identidade específica e com pouca mobilidade, mais rígida e menos aberta à mudanças. Por isso mesmo, o seu caráter “identitário”. As desestabilizações que afetam o caráter identitário e poderiam apontar mudanças são vistas com desconfiança e devem ser logo afastadas (2005, p.28).

Neste caso, considerando o fato de Macaé a partir da década de 80 ter dado menos valor a tradição em vista dos fins econômicos, levanta-se uma hipótese de que os batistas também ficaram para trás, já que sua racionalidade tem muito mais relação com a tradição, ainda que de forma caricaturada, do que com fins econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vimos nesse artigo foi com base tanto em uma metodologia quantitativa, referindo-se, sobretudo aos dados do IBGE, quanto qualitativa na interpretação desses dados. Essa pesquisa não pretende esgotar o tema, que traz consigo outros números, com mais detalhes e interpretações. Buscou-se, ainda que de forma panorâmica, discutir um tema que vive um dilema. De um lado a análise do protestantismo, suas características, percursos e conteúdo. O que não traz muita coisa nova. De outro lado as mudanças sociais responsáveis pelas transformações no campo religioso protestante. Com a explosão dos novos movimentos religiosos, incluindo os (neo) pentecostais o protestantismo histórico foi também sendo marginalizado no interesse de pesquisadores, em todas as áreas. As pesquisas sobre esse segmento cristão ficaram à sombra dos mais recentes fenômenos religiosos.

A cidade de Macaé é um exemplo, dentre muitos outros, que experimentaram mudanças significativas na malha urbana, na economia e na sociedade de um modo amplo. Sem dúvida, que a cidade litorânea traz suas peculiaridades, mas tem em comum a presença da modernidade que em outras regiões também ganhou destaque. A relação entre religião e modernidade é complexa e ao mesmo tempo fecunda, trazendo muitas perguntas norteadoras para compreensão dos dois pólos. Neste artigo foi possível, através dos dados estatísticos, enxergar, o quanto os meios de produção, próprios do capitalismo, podem ser determinantes para que mudanças aconteçam no plano religioso. Ainda que não seja esta a única explicação, para evitar um reducionismo, esta traz uma luz capaz de elucidar os porões do dinamismo religioso protestante.

Os batistas, com maior representação entre os protestantes históricos em Macaé, apresentaram, entre outros grupos, sintomas de uma religião que, apesar de moderna, luta a duras penas para continuar sobrevivendo no cenário religioso atual. À luz do que foi apresentado, não seria exagero pensar que fica cada vez mais difícil um vislumbre de sucesso para o protestantismo da “reta doutrina”, exclusivista e inflexível, seja ele batista; presbiteriano ou metodista. Dificilmente, uma igreja que não aprende a dialogar em seu tempo continuará existindo sem que tenha que conviver cotidianamente com uma identidade mito, que finge não existir em seu seio um hibridismo sufocante e reprimido em busca de novas respostas.

-
- ¹ Com identidade religiosa refiro-me em especial as crenças e práticas deste grupo religioso.
- ² Esse grupo religioso, em Macaé, data do final do século XIX, quando missionários, como Salomão Ginsburg, funda a primeira comunidade, denominada inicialmente de Igreja de Cristo que originou a Primeira Igreja Batista de Macaé (PARADA, 1995, p. 254).
- ³ Dados fornecidos pela Associação Batista SERRAMAR.
- ⁴ Transferência é uma das formas de filiação a uma igreja batista. Isso acontece quando um membro da igreja muda de cidade ou estado e encontra uma igreja da “mesma fé e ordem” e solicita sua carta de transferência. Quando não acontece também em uma mesma cidade.
- ⁵ A criação de congregações faz parte do caráter expansivo e missionário das igrejas batistas. Cria-se uma congregação com um grupo pequeno de membros da igreja sede e depois de um tempo, quando a congregação possui autonomia financeira, é organizada em uma nova igreja.
- ⁶ As categorias “fixas” e “flutuantes” foram utilizadas propositalmente como trocadilho em referência a tipos de plataforma localizados na Bacia de Campos. Uma unidade flutuante sofre movimentações devido à ação das ondas, correntes e ventos, com possibilidade de danificar os equipamentos a serem descidos no poço. Por isso, torna-se necessário que ela fique posicionada na superfície do mar, dentro de um círculo com raio de tolerância ditado pelos equipamentos de subsuperfície. As plataformas fixas são projetadas para receber todos os equipamentos de perfuração, estocagem de materiais, alojamento de pessoal, bem como todas as instalações necessárias para a produção dos poços. Não tem capacidade de estocagem de petróleo ou gás, tendo o mesmo que ser enviado para a terra através de oleodutos e gasodutos. Disponível em: <https://petrogasnews.wordpress.com/2011/03/06/tipos-de-plataformas-de-petroleo/>. Acesso em: 08/04/2015.
- ⁷ O conceito de bricolagem usado por Hervieu-Léger refere-se a crenças “triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico” (2008, p.43).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, Rubem. Dogmatismo e tolerância. – São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- CAMPOS, L. S. A identidade protestante tradicional: desafios da secularização e do crescimento do pentecostalismo brasileiro, pp. 215-235. In: *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. Zwinglio Mota Dias, Rodrigo Portella e Elisa Rodrigues (Org.). São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p.215-234.
- CIAMPA, A.C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: Dunker, C. I. L. & Passos, M. C., “Uma Psicologia que se Interroga – Ensaios” – São Paulo, Edicon: 2002, p. 133-144.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A Identidade Batista e o “espírito” da Modernidade. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola*

Superior de Teologia. Volume 06, jan.-abr. de 2005, p.15-28. Disponível em: http://www3.est.edu.br/nepp/revista/006/ano04n1_03.pdf. Acesso em: 10/04/2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LÔBO JUNIOR, Dácio Tavares (ET AL). – Macaé – Síntese geo-histórica. 100 Artes Publicações/PMMM, Rio de Janeiro, 1990.

MADURO, Otto. Religião e luta de classes. Quadro teórico para análise de suas inter-relações na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1983.

PARADA, Antônio Alvarez. Histórias Curtas e Antigas de Macaé. – Rio de Janeiro: Artes Gráficas, Obra póstuma, 1995.

PIQUET, Rosélia. Impactos da Indústria do Petróleo no Norte Fluminense. In: Impactos sociais, ambientais e urbanos das atividades petrolíferas: o caso de Macaé. Cap. 1-1 – 2010, p. 11-18. Disponível em: http://www.uff.br/macaepacto/OFICINAMACAE/pdf/11_RoseliaPiquet.pdf. Acesso em: 10/04/2015.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. Dinâmicas espaciais em Macaé: lugares públicos e ambientes religiosos. In: ALMEIDA, R. MAFRA, Clara (Orgs.). Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p.51-68.

TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata (Org.). Religiões em Movimento: o Censo de 2010. – Petrópolis: Vozes, 2013.